



CÓPIA Nº2

daf  
lechinuch  
uletarbut

nº 1

junho de 1966

chodesh hachinuch

a p r e s e n t a ç ã o

Como parte das peulot programadas para o chodesh hachinuch, lançamos aqui o primeiro número de uma nova choveret.

Cujo intuito é introduzir o debate. Despretensiosa, não pretende assumir ares de cartilha. Muito adiantados já (20 anos no Brasil), estamos tentando reexaminar.

Franca e corajosamente - reexaminar. Não estamos analisando processos históricos passados, ou falar dos êrros e acêrtos de quem os fez.

Mas de nós mesmos. O que estamos fazendo! Uma pausa nêste caminho de vinte anos.

Um convite a ... pensar. Quem sabe trabalharemos melhor depois disto.

De qualquer maneira, o que esta choveret não pretende ser - é tomar ares muito sérios de "receita" para movimento juvenil.

Os ingredientes são os prós - e os contra. Os "contra", muito rudes, duros de pssar pela garganta. Mas devem fazer o cérebro se mexer.

Se não, tempo, papel, tinta, dedos doidos e cabeça cansada - desperdiçados.

Não acreditamos no desperdício. Fica um convite a respostas dos madrichim. A esperança de que o debate será bom. A confiança de que os madrichim a aproveitem. A promessa de um breve próximo número. A certeza de que, falando de nosso trabalho, ganhe a tnuá.

Notas para o Debate sobre o tema Movimento Juvenil  
=====

Tema 1.- Tem ainda razão de ser o Movimento juvenil, neste ishuv, nestas circunstâncias?

- Apontamentos negativos: -

- a. O movimento juvenil não é mais o único fator a trabalhar com a juventude. Estamos assistindo o desenvolvimento de outras formas de trabalho com a mocidade, como clubes, escolas, grêmios, etc.. Não temos força para concorrer com estas formas.

- b. O movimento juvenil está existindo numa época caracterizada: contra ideais, irreabilidade chaltziana, negação do galut como problema físico e espiritual. Sua missão vai se esvaindo.

- c. O movimento juvenil, pois, é "demodé". De vinte ou mais anos para cá, não conseguiu se renovar, seus métodos e programas não correspondem mais a um mundo dinâmico como o nosso.

- d. Sua atuação perante o ishuv em geral e a juventude em particular, são nulas. Não exerce a mínima influência no pensamento geral. Não imprime nenhum caráter, sua atuação não repercute, não é conhecido, não é discutido como caminho.

- e. Sentimos a crise do judaísmo brasileiro, nestes tópicos:

- pela completa ausência de valores judaicos na bagagem espiritual da nova geração;
- pela indiferença notada em relação ao destino de cada um de nós como judeu;
- pela incapacidade de realizar qualquer coisa;
- pela nulidade de criação;
- pela integração assimilacionista.

- f. O movimento juvenil tem como resposta a tudo isto o papel de vítima, de que a crise não é sua, ele tenta atuar dentro da crise. Não será o fato dele mesmo estar errado, inadequado, e portanto - superado pela realidade? Os grêmios, clubes, e escolas, não fazem muito mais ou não fariam mais - na luta contra a assimilação, que é o único sentido de judaísmo que existe hoje em dia?

- g. As armas ideológicas do movimento juvenil, acabam na década dos trinta. Ignora a profunda renovação social e política de nossa época. Suas respostas a tudo isto são tabús ideológicos, que terminam em Borochoy, Gordon, etc.. Desconhece e ignora - Sartre, Bertrand Russel, Kaplan, Buber, Natan Rotenstraich, e tantos outros.

- h. Como se já tudo isto não fosse suficiente, os números dos movimentos juvenis falam por si mesmo. Se o movimento quizer continuar a existir, tem que mudar. E, mudando, será a mesma coisa? Chativá é movimento juvenil? Chazit é movimento juvenil realizador? E, mudando, perderá o seu carácter.

Tentativa de resposta para o tema 1 -

- a. O movimento juvenil surgiu tanto da procura de uma forma para exprimir o desejo de uma vida juvenil própria, como da tentativa de encontrar um caminho para solucionar o problema do povo, em bases de sionismo e humanismo.

Surgiu, quando o fato de levar jovens ao campo, entrar em contáto com a natureza, esportes, jogos, exercícios físicos, vida escáutica, vida de grupo, etc., representava uma profunda revolução na vida de cada jovem, como o fez o movimento escáutico.

Surgiu, quando o fato de discutir idéias novas, "as proibidas pelo lar e pela escola" representava alargar o mundo espiritual, entrar em contáto com um mundo de idéias novas e livres, e não padronizadas, representava uma profunda inovação espiritual, como o fez o movimento dos "Wandervogel".

Se estamos discutindo sob êste aspecto, está certa a afirmação de que o movimento juvenil passou da moda, está superado. Pois que a sociedade, como qualquer fator dinâmico, está em contínuo movimento, evoluiu. A sociedade tomou o lugar dêste tipo de movimento juvenil, através do lar, da escola, do clube.

Mas a missão sionista e humanista, ninguém a preencheu. É esta a função de movimento juvenil hoje em dia. Se é fácil definir a função, a atuação é difficílma:

- estamos perante uma sociedade que valoriza mais o "play-boy", e que o estimula;
- que a crise do movimento juvenil se caracteriza por tentar explicar judaísmo, quando êste está em crise; o mesmo em relação a sionismo, e tudo o mais;
- a crise é real, não é inventada.

- b. Em que se polariza hoje o centro de atração da juventude? Na sua grande maioria, no "playboysmo", uma pequena parte, nos estudos, incluindo carreira e "diversões e passatempos mais sérios", como cinema, teatro, música, etc., e contados nos dedos da mão, aquêles que se interessam e militam em política, conhecem as características sociológicas de nosso mundo, tentam entender a época em que vivemos. É com esta juventude que o movimento juvenil tenta trabalhar. Não esqueçamos o fenómeno da adolescência prolongada, que obriga o movimento juvenil a ser mais adulto e flexível em relação às suas camadas mais velhas, no sentido de idade e maturidade.

- c. Portanto, é preciso cada vez mais conhecer para melhor combater. A tentativa de renovação é de acôrdo com a nossa capacidade de compreender a necessidade de empreendê-la, como e quando fazê-la. Já fizemos muitas: a liberalização dos estudos, por exemplo. Foi absolutamente certa no tempo e no espaço. Não conseguimos entretanto cobrar os resultados disto: foi mal interpretado, houve exemplos não construtivos, etc.. Não há que culpar o passo em si. Uma liberalização não significa ausência de qualquer disciplina e compromisso para com o todo. Isto é que é preciso combater, pois erroneamente a abertura de estudos foi interpretada como ausência de objetivo final, e como tal, perda de missão. É preciso retomar a vocação e a finalidade chalutziana do movimento.

- d. Citaremos outras formas: a Chativá é uma delas. O entrosamento de nossa reduzida shichvá bogueret com grupos de universitários de sua idade, para um debate amplo e trabalho sério. Impossível prever se tudo isto virá a nosso favor, pois que não há cartas marcadas no jôgo. Mas acreditamos na tentativa e fazemos tudo para fundir êste grupo com nossos ideais e metas de trabalho. Acreditamos trabalhando. Sem dúvida, a renovação de idéias e formas de trabalho não vêm da invenção e da improvisação. Elas provêm destas tentativas no trabalho, e daí, para novas formas. Ninguém "inventou" coisas dêste tipo, pois não se trata de campanha publicitária, ou promoções espetaculares. É preciso testar nossa "verdade", nossas idéias, nossos métodos com a juventude judáica. Senão o movimento se amorfiza, perde a vida, tudo passa a ser rotina, embotamento do pensamento, pobreza espiritual, ausência de autenticidade, alienação.

O "Shnat Hachshará" também é uma forma de renovar. Oportunidade esta que ainda não está sendo bem compreendida e muito pouco se faz por ela. Por as resoluções em papel, imaginem, já é alguma coisa. Mas o papel não trabalha sozinho.

- e. É muito importante conhecer o ishuv na sua formação, nos aspectos da crise, etc.. Mas a análise em si, só serve para vislumbrar um caminho. Qualquer análise, neste caso, que não saiba dizer onde nos situamos, o que devemos fazer, leva a atitudes perigosas como: diletantismo, fatalismo, semi-clube, pseudo-intelectuais de esquina.

- f. É verdade que é muito mais fácil viver de tabús, que tôdas as perguntas e respostas estão enquadradas. Nos próprios movimentos de "esquerda" já se abandonou isto há muito tempo. Desde a morte de Stalin. Leram Evtuchenko? O "tabú" ideológico explica um mundo que não existe mais (se é que um dia existiu), torna desnecessária a leitura e estudo, forma homens "já-sei-tudo". É em grande parte verdadeira e cabível a observação da desatualização dos movimentos juvenis para com as idéias e mentalidades de nossa época. A política não é só o Vietnam: há vários mundos de idéias em desenvolvimento que precisamos conhecer. Inclusive Sartre e Kafka e o "Greenwich Village".

- g. A luta antiassimilacionista Não é a finalidade em si do movimento juvenil. É uma delas, e por consequência. Sua finalidade é a realização do caminho de vida ao qual se propõe. A tarefa "judaizante", é a da escola, do clube, ou de quem se propõe a fazê-la. Inclusive a "yeshivá". O movimento complementa esta atividade. Há grupos juvenis exclusivamente orientados para isto, e por esta razão pomos em dúvida, não a sua legitimidade e valor, mas como movimento juvenil.

§  
§ §

Tema 2. - Da maneira com que estamos trabalhando, estamos fazendo algo? Nossa educação tem algum sentido?

Apontamentos negativos: -

- a. Nossa atividade educacional é simplesmente motora. Nossos êxitos estão nas pequenas coisas: número de chaverim em machanot, boas ou más, quantidade de realizações feitas por semana ou por mês, mifkad, oneg-shabat, peulá (ou cinema), etc. Se o êxito não é medido através do fim, não é êxito. Nosso tipo de educação se contenta no "melhor-do-que-nada" ou então "vamos-fazer-alguma-coisa". Atividade por atividade.

- b. Na melhor das hipóteses, o ambiente agradável é o sentido da ligação do chaver para com a tnuá. Falta, porém, algo mais importante: o sentido da ligação do chaver para com a concepção da tnuá, isto é, identificação com o caminho de vida. A tnuá está formando uma plêiade de "bons-meninos" razoavelmente a contento. E o caminho, quantos o seguem?

- c. Não há sentido na transmissão de nossos valores. A maior parte de nossos madrichim não sabe aonde quer chegar, ou então, acha que não deve se chegar lá, não acredita nisto ou não tem certeza suficiente. O exemplo, por consequência, é fraco. Os valores transmitidos não chegam a ser valores.

- d. Há já alguns anos, que se repetem as mesmas tochniot. Não será isto um sintoma claro, de que uma atividade essencialmente criadores, se transformou num métier de rotina?

Tentativa de resposta para o tema 2 -

Não há muito o que responder aqui, já que a discussão se acha convenientemente orientada. Assim, o debate e a opinião dos madrichim, deverá se constituir na melhor resposta. Não devemos esquecer que estamos emergindo de uma crise brutal. Mesmo nos anos de crise, tivemos nossos altos e baixos, e um belo trabalho conse-

guido por alguns períodos consecutivos, transformaram-se numa sucessão de batalhas perdidas; também, de uma modesta e despretenciosa manutenção das coisas, nesta persistência, pudemos partir para um grande trabalho.

Não quer dizer que os defeitos apontados acima não existam. Eles existem na medida de nossa fraqueza e inexistem na nossa grandeza.

Em todo o caso, qualquer iniciativa tem que ter como ponto de partida a retomada da vocação chalutziana de nossa tnuá, e nossas discussões precisam versar mais sobre nossa concepção de vida, aliá e kibutz.

Não existe vida espiritualmente rica sem ação fecunda. Um é complemento do outro.

O "savoir-faire" não será consequência apenas deste debate.

Mas sobretudo de trabalho.

Machleket Hachinuch v' Tarbut  
Hanhagá Artzit  
Chodesh Hachinuch  
Junho de 1966